

TURISTAS MUSICAIS

Fotos: Jorge Cardoso



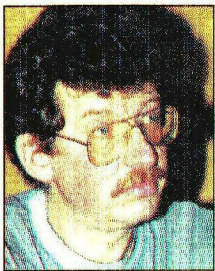
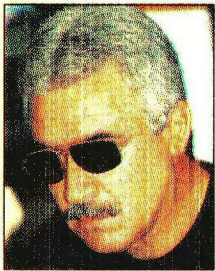
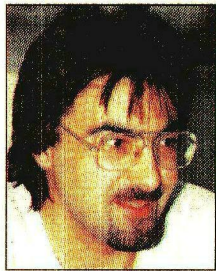
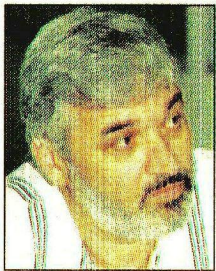
O alemão Gottfried Engels participou do primeiro curso de verão em 1978 e volta agora para dar aulas de contrabaixo: "O brasileiro é intensamente musical, tem noção intuitiva de ritmo", elogia o professor

Bernardo Scartezini
Da equipe do **Correio**
e Gustavo Galvão
Especial para o **Correio**

GERHART ROTH PASSOU A PRIMEIRA NOITE NO BRASIL LUTANDO CONTRA DOIS MOSQUITOS. MAS NÃO DEVEM SER OS DA FEBRE AMARELA. A NOVA-IORQUINA DEBORAH BIRNBAUM, PRECAVIDA, NÃO ABRIU MÃO DA ÁGUA MINERAL COLORADO SPRINGS — PROVENIENTE DOS

ESTADOS UNIDOS, COMO ELA. Deborah e Gerhart fazem parte da expedição estrangeira que aportou na Escola de Música de Brasília (EMB) semana passada, para o 22º Curso Internacional de Verão. A soprano nova-iorquina Deborah dá aulas de canto e se impressionou com a "espontaneidade" dos brasileiros que encontrou na EMB. O alemão Gerhart Roth, regente de corais, ainda estuda o terreno — está pela primeira vez abaixo da linha do Equador.

Entre dezenas de professores/músicos convidados para o

MESTRES DO MUNDO					
					
GERHART ROTH	GOTTFRIED ENGELS	DEBORAH BIRNBAUM	SAMUEL ESPINOZA	BOJIN NEDIALKOV	EVGUENI NICOLAEV RATCHEV
Idade: 75 anos	Idade: 45 anos	Idade: "Não digo minha idade"	Idade: 48 anos	Idade: 32 anos	Idade: 50 anos
País de origem: Alemanha	País de origem: Alemanha	País de origem: Estados Unidos	País de origem: Chile	País de origem: Bulgária	País de origem: Bulgária
Especialização: Regência de coral	Especialização: Contrabaixo	Especialização: Canto	Especialização: Viola	Especialização: Oboé	Especialização: Violino

veraneio, oito são estrangeiros. Dos Estados Unidos, chegaram Deborah e Cliff Korman (tecladista). Da Suécia veio o trompista Sören Hermansson e da Alemanha, além de Roth, chegou o contrabaixista Gottfried Engels. O chileno Samuel Espinoza (viola) e os búlgaros Bojin Nedialkov (oboé) e Evgueni Nicolaev Ratchev (violino) moram no Brasil mesmo. Todos foram chamados para lecionar na EMB durante 18 dias, numa espécie de intercâmbio musical.

Gottfried Engels, aliás, tem lembranças da cidade quando o prédio da EMB na 603 Sul sequer existia e a escola ficava no fim

da Asa Sul. Em 1978, veio participar do primeiro curso de verão brasileiro. Deixou conhecimentos e levou consigo a estudante brasileira Regina Helena Soares. Vinte e dois anos depois, Gottfried chega sozinho novamente — Regina ficou em Colônia (Alemanha), cuidando do filho do casal.

Samuel Espinoza começou a frequentar o Curso de Verão na edição seguinte, em 1979. Voltou mais cinco vezes. Nesse meio tempo, fixou residência em João Pessoa e montou um quinteto de cordas na capital da Paraíba. "Já fui chileno, agora sou brasileiro", garante — ape-

sar do sotaque. A assiduidade tem explicação: "Este curso tem características muito particulares. É um dos poucos que não faz separação entre a música popular e música erudita."

Pois a música erudita tem variantes. A sonoridade e o jeito de tocar um instrumento pode mudar entre os países. É o que garante Bojin Nedialkov, que atualmente mora em Manaus. Aos 32 anos, ele conhece os segredos do oboé segundo as escolas da França, Inglaterra e Estados Unidos. Em sua estréia no curso da EMB, Bojin pretende mostrar aos seus quatro alunos estas diferenças. "Existe ainda a

escola tcheca, a escola alemã..."

Os músicos adoram essa universalidade que rola no Curso de Verão. Vermelha de sol, Deborah Birnbaum nem reclama do calor esturricante... "Adoro encontrar pessoas. Descobrir novos talentos e conhecer os colegas", sorri, referindo-se à dupla germânica Gerhart e Gottfried. Nessas, a cantora foi do México até a Austrália, de Israel à China.

E, sim, os brasileiros têm suíngue — como é comum dizer por aqui. Deborah garante que sim. "Meus alunos perderam a timidez logo na segunda aula", entrega. Gerhart Roth, que roda a Alemanha dando aula para

corais infantis, também aprovou os alunos, que andam arriscando outro tipo de música. "Ensino canções alemãs para mostrar as várias facetas da música popular."

O "chileno-paraibano" Samuel Espinoza também é adepto da idéia de ampliar o leque de opções musicais — em vez de restringir os cursos apenas ao erudito. Ainda mais num país como o Brasil. "O brasileiro é um povo riquíssimo culturalmente. Recebe muito bem experiências sonoras novas. Nada mais interessante do que trabalhar músicas tradicionais com outros ritmos."

Gottfried — que, nas horas vagas, trabalha como intérprete do contrabaixo Gerhart — também acostumou-se com o jeitinho brasileiro (a começar em casa). "O brasileiro é intensamente musical, tem noção intuitiva de ritmo", diagnostica. Deborah concorda. "Sim, por que existem coisas que não há como você ensinar. Tem que haver aquela vocação."

Vocação que faz a professora de canto do Coral Metropolitano de Nova York rodar o mundo. "A música é um chamado", define. "Como um vício. Não poderia fazer outra coisa." Nem mesmo largar a cátedra ou o universo erudito por um trabalho mais popular. "Nem se quisesse eu conseguiria tocar outro tipo de música", garante Gottfried. "Tocar em uma banda? Nem se fosse nos Rolling Stones."